

O AUXILIADOR DA INDUSTRIA NACIONAL E A EDUCAÇÃO¹

Celina Midori Murasse

Universidade Estadual de Maringá

5. Historiografia da educação brasileira e história comparada

O século XIX é uma época fecunda para efetuar investigações acerca da História da Educação, pois, naquela centúria, a educação se tornou um instrumento fundamental da burguesia industrial européia na edificação do Estado Moderno. Os governantes dos Estados então constituídos voltaram a atenção para a necessidade de organizar a educação pública e, por isso, empenharam-se na criação dos sistemas nacionais de ensino, conclamando a participação da sociedade civil na consecução desta tarefa.

Nas primeiras décadas daquela centúria teve início a construção do Império do Brasil. A elite brasileira ainda era predominantemente agrária, porém, também reconhecia a importância do ato de educar os homens. Em geral, considera-se que o processo educativo se realiza no interior das instituições escolares. Entrementes, ele pode se efetivar em outras instâncias sociais, utilizando os mais diferentes meios, especialmente quando os estabelecimentos de ensino não existiam em profusão.

Assim, inúmeras associações foram criadas nos anos oitocentos e algumas se destacaram por sua atuação educativa, dentre as quais a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional (SAIN) que tinha como uma de suas principais preocupações a divulgação dos conhecimentos úteis. A origem dessa associação reporta-se ao ano de 1816. Foi durante o governo de D. João VI que Inácio Álvares Pinto de Almeida, proprietário de uma destilaria, propôs a criação da SAIN no Rio de Janeiro. Na ocasião, a associação foi julgada precipitada. Todavia, o autor não desistiu de sua proposta e, em 1820, Almeida escreveu um memorial defendendo a aquisição de máquinas rurais e fabris e seus modelos do exterior. Somente em 1824 obteve de D. Pedro I a autorização oficial para colocar em funcionamento a Sociedade Auxiliadora e pôde redigir seus Estatutos. Em 1825 o Imperador aprovou a instalação da SAIN. Esta associação civil foi inaugurada em 19 de outubro de 1827 e sua primeira diretoria foi designada e empossada em 1828. No discurso da instalação da SAIN, Almeida (1828) apresentou os motivos que o levaram a propor a criação da Sociedade e definiu o seu fim precípua:

¹ Pesquisa em desenvolvimento no estágio pós-doutoral realizado junto à Faculdade de Educação da USP, sob a supervisão da Profa. Dra. Diana Vidal.

[...] auxiliar a industria, mormente pelo que se respeita a aquisição de maquinismos, que, expostos às vistas do publico, façam-se conhecidos, possam ser copiados, e desafiem o interesse dos nossos agricultores, e dos nossos artistas: para que por meio delas consigam minorar os trabalhos da mão de obra, obtendo ao mesmo tempo com mais facilidade, perfeição, e menos despesas maior soma de produtos. (ALMEIDA, 1828, p. 3)

Sob a liderança de Almeida, a SAIN foi uma instituição pioneira no país e reuniu, no seu quadro de associados², alguns dos construtores do Império do Brasil, que exerciam diferentes atividades profissionais, conforme se verifica na relação dos sócios de 1869: fazendeiro, engenheiro, médico, negociante, advogado, guarda-livros, empregado público, capitalista, promotor, magistrado, industrial, dentista, entre outros. (Cf. SILVA, 1979)

Carvalho (1996, p. 44) afirma que “boa parte dos políticos mais importantes da época” eram filiados à associação, tais como Marquês de Olinda, Marquês de Abrantes e Visconde do Rio Branco que a presidiram. Destarte, os sócios da SAIN eram as pessoas mais respeitáveis do Brasil, tanto na esfera política, quanto na literária.

A SAIN deveria, conforme consta em seus Estatutos (1831, p. 3), “promover, por todos os meios a seu alcance, o melhoramento e prosperidade da Industria no Império do Brasil”, bem como expandir a sua atuação por todo território brasileiro. Um dos mecanismos para executar o plano inicial da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, foi a edição ininterrupta d’*O Auxiliador da Industria Nacional*³, de 1833 a 1892. Este se tornou a maior fonte de textos avulsos escritos referentes às artes e ciências industriais editada com periodicidade. Silva (1979, p. 17) considera o periódico “a mais completa fonte primária para a história social e econômica do período monárquico”.

Reconhecemos o valor d’*O Auxiliador* nessas áreas visto que nele estão registradas quase seis décadas (de janeiro de 1833 a dezembro de 1892) da história do Brasil, relatada pelos homens que participaram – direta ou indiretamente – da construção do Império

² SILVA (1979) menciona alguns dos sócios: o senador maranhense João Inácio da Cunha (Visconde de Alcântara) que foi o primeiro presidente da SAIN; o português Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim (Visconde de Jerumirim ou Jurumirim), burocrata enobrecido que foi conselheiro do Imperador Pedro I, tornou-se o primeiro vice-presidente; o senador mineiro Manoel Ferreira da Câmara Bittencourt, entre outros.

³ Nosso primeiro contato com *O Auxiliador* ocorreu em 1995 durante o processo de elaboração da tese de doutoramento intitulada “A educação para a ordem e o progresso do Brasil: o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, 1856 a 1888”, quando lemos alguns artigos dos anos de 1833, 1834, 1850 e 1871. Em agosto de 2004 iniciamos o projeto de pesquisa “A educação pública no processo de construção do Estado Moderno: Brasil e Japão – primeiras aproximações”, o qual recebeu o auxílio financeiro do CNPq. O projeto foi finalizado em janeiro de 2006, porém, ao longo de sua execução tivemos a oportunidade de ler outros artigos da revista, nos quais encontramos os indicativos da sua importância para a compreensão da História da Educação.

brasileiro, que assistiram ao seu desmoroamento e que viram nascer um país republicano. Por isso, presume-se que esta fonte primária proporcionará uma aproximação mais efetiva da realidade vivida pelos homens entre 1833 e 1892, mostrando suas preocupações, suas convicções, suas esperanças, enfim, a história da sociedade brasileira de então.

Mas, junto com ela, espera-se encontrar um pouco da História da Educação no século XIX, visto que os números iniciais da revista já indicam que a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional utilizou *O Auxiliador* para difundir os conhecimentos que considerava úteis e introduzir novos costumes, preparando, deste modo, a população para instaurar a modernização do Estado brasileiro. Deste modo, é possível que este mensário seja igualmente valioso para a História da Educação, ainda que não seja especializado em educação e ensino. Esta pesquisa pretende, pois, demonstrar o caráter educativo desta fonte ainda pouco conhecida na historiografia educacional. Além d' *O Auxiliador*, investiga-se uma parte da documentação da SAIN, a associação mantenedora do periódico. A maior parte dessa documentação encontra-se na forma de microfilme e a coleção completa do periódico já foi adquirida.

Em termos metodológicos, esta investigação supõe que a história da educação tem estreita vinculação com a história da própria sociedade. Este enfoque expande o âmbito da investigação, pois, possibilita a utilização de fontes tais como obras gerais, históricas, sociológicas, filosóficas, econômicas, literárias, biográficas, publicações periódicas, além, evidentemente, das educacionais. São estas inúmeras fontes que fornecem os elementos que permitem ao pesquisador tecer as relações encadeadas pelos homens num determinado tempo.

O percurso acima enunciado se aproxima do indicado por VENÂNCIO FILHO (1945, p. 369) ao argumentar que a História da Educação se confunde com a nossa própria História:

As fontes para a história da educação do Brasil são múltiplas e diversas. Sobretudo, se a considerarmos não apenas em seu aspecto institucional de escolas e sistemas escolares, mas no outro, mais exato e mais geral, de transmissão do patrimônio cultural da espécie, desdobrado em hábitos, conhecimentos, sentimentos e ideais. Assim sendo, o campo de investigação se amplia e de certo modo tangencia, quando não corta, os demais em que se desenvolve a história de um povo.

Quanto às fontes secundárias, constituem-se de publicações de autores dos séculos XIX e XX que discorram sobre o período aqui demarcado ou a temática em questão.

Trata-se, pois, de uma pesquisa documental e bibliográfica, de cunho histórico, na qual a localização e a investigação de fontes documentais primárias é um procedimento metodológico fundamental para a sua efetivação. Isto não significa que o *Auxiliador* (o documento) fala por si mesmo. Nesta questão, perfilhamos com o posicionamento de José Murilo de Carvalho (2003, p. 51):

O documento é importante, mas não fala, o historiador é quem faz o documento falar. Então a voz tem que sair dele. É uma questão de imaginação histórica. Não basta pesquisar, tem que ter imaginação. O pessoal do Cinema Novo recomendava ter uma idéia na cabeça e uma câmera na mão. O historiador tem que ter uma idéia na cabeça e um documento na mão.

A “idéia na cabeça” à qual se refere o autor equivaleria ao encaminhamento metodológico. Diante disso, o conteúdo do documento poderia receber diferentes interpretações dependendo da concepção teórico-metodológica adotada pelo pesquisador. Neste estudo, o conteúdo dos artigos divulgados n’*O Auxiliador* será analisado sob o ponto de vista histórico, isto é, a partir da ciência da História. Para explicitar esta concepção, fazemos nossas as palavras de Paulo Netto (2002) que compreende a História de uma dupla perspectiva:

[...] a) como um processo objetivo, real, dotado de especificidade. [...] Num primeiro nível, o que eu vou chamar de História é um conjunto, mais exatamente uma totalidade de processos objetivos, que desfrutam e apresentam uma efetividade própria; b) num segundo nível, vou chamar de história um processo intelectual que reconstrói, que reproduz, portanto um processo reflexivo daquele processo objetivo anterior.

[...] Quando afirmo que o processo histórico é um processo objetivo, quero dizer que a História é feita por sujeitos, os homens fazem a História. [...] No âmbito da sociedade, a história supõe sempre sujeitos que agem segundo determinados objetivos, agem com certas finalidades. (PAULO NETTO, 2002, p. 12-13)

Esta concepção permite supor que *O Auxiliador* foi editado por homens que tinham propósitos definidos e que julgavam necessários para garantir o desenvolvimento da organização social existente à época. O objetivo do impresso mensal foi apresentado no seu número de estréia, em 15 de janeiro de 1833:

As vantagens dos progressos das luzes são incontestáveis: as sciencias physicas não existem realmente, senão depois que seguem huma marcha certa e util.

[...] He para concorrer a estes progressos, e para apparecer a realisação de bens, que só a propagação das luzes póde produzir no Brazil, que a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional aqui estabelecida emprehende esta publicação periodica de Memorias e Noticias interessantes a todas as classes industriosas. Possa a sua empresa ser bem acolhida dos Brasileiros interessados na prosperidade do Imperio, e possão igualmente coadjuva-la com as suas observações e experiencias, aquelles nossos Concidadãos, que por seu saber e Patriotismo devem concorrer á gloria da nossa Patria pelo melhoramento da nossa nascente industria. (*AIN*, 1833, p. 9-10)

Neste excerto já é possível perceber a intenção formativa da revista para que o Estado brasileiro alcançasse a prosperidade econômica através da difusão das luzes e da adoção de hábitos civilizados.

O Auxiliador da Indústria Nacional (AIN), editado “sob os auspícios da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional estabelecida no Rio de Janeiro”, conforme estampada na capa, inclui-se entre as obras cujos editores estavam engajados no projeto de empreender a modernização do Estado brasileiro.

O jornal já explicitava o seu propósito educativo na primeira página ao apresentar os dizeres: “**O AUXILIADOR DA INDUSTRIA NACIONAL** ou COLLECÇÃO DE MEMORIAS E NOTICIAS INTERESSANTES, AOS FAZENDEIROS, FABRICANTES, ARTISTAS, E CLASSES INDUSTRIOSAS NO BRAZIL, TANTO ORIGINAES COMO TRADUZIDAS DAS MELHORES OBRAS QUE NESTE GENERO SE PUBLICÃO NOS ESTADOS UNIDOS, FRANÇA, INGLATERRA.” Ao mesmo tempo, anunciava, os assuntos nele veiculados bem como o seu público-alvo.

Em 1833, o baiano juiz Baltasar da Silva Lisboa, o maranhense Frei Custódio Alves Serrão e o carioca Cônego Januário da Cunha Barbosa faziam parte da comissão encarregada da redação do jornal.

Ao se referir ao conteúdo dos artigos, Silva (1979, p. 78) diz: “[...] Em 1833 a Sociedade Auxiliadora assinava e *O Auxiliador* traduzia parcialmente as publicações estrangeiras como *American Farmer*, dos EUA; *Agriculture and Arts Semanal*, da Inglaterra e *Journal des Connaissances Utiles*, da França”. Cumpria, pois, a tarefa de divulgar e propagar aqui no Brasil, as idéias e as técnicas difundidas nos países mais desenvolvidos da Europa e nos Estados Unidos da América. Os assuntos tratados nos artigos estavam vinculados aos mais variados e importantes ramos da indústria agrícola e

pastoril. Este periódico – que era lido pelos fazendeiros e por todos que se julgassem homens industriais – procurava transplantar para o país espécies ainda não cultivadas em seu solo, bem como melhorar a antiga cultura com novas plantas e sementes de produções estrangeiras. Eis os assuntos nele abordados: economia doméstica, agricultura, horticultura, economia agrícola, economia industrial, economia social, higiene pública, estudos econômicos, instrução primária, entre outros.

A leitura de alguns artigos d’*O Auxiliador*, escolhidos aleatoriamente, revela que um dos seus objetivos era convencer os sócios, principalmente os proprietários agrícolas, a tomarem o caminho da civilização segundo os modelos europeus, especialmente no que se referia à substituição do trabalho escravo pelo livre, questão polêmica que encontrava uma grande resistência por parte dos produtores rurais. Portanto, *O Auxiliador* teve papel fundamental na divulgação de novas técnicas agrícolas e de maquinismos.

No discurso pronunciado pelo presidente da SAIN, João Inácio da Cunha, em sessão de 2 de julho de 1832, havia um incentivo explícito para que os homens instruídos se unissem em defesa do desenvolvimento, bem como a necessidade de civilizar todas as regiões mais longínquas, de modo que o país ganhasse ornatos de civilização, como salienta Cunha (*AIN*, 1832, p. 11-12).

Para alcançar esse intento de se tornar civilizado e industrializado era necessário organizar a educação primária, conforme revela o artigo “*Obstáculos que se opõem ao aperfeiçoamento da indústria*” (*AIN*, 1843, p. 20-21).

No artigo *Instrução primaria – Utilidade da introdução dos elementos das sciencias naturaes na instrução primaria* (*AIN*, 1842, p. 50), mostra os perigos aos quais os homens estavam expostos no trabalho cotidiano quando não detinham o devido conhecimento. Este saber útil para o dia-a-dia seria difundido no ensino primário.

Os artigos d’*O Auxiliador* indicavam, reiteradamente, que somente através da educação o país poderia avançar. No artigo *Industria Agricola* (*AIN*, 1848, p. 70), demonstra a preocupação da SAIN com a criação de escolas rurais para atingir esse patamar. A educação dos homens era, para a SAIN, um elemento indispensável para a modernização do Estado. E, para que isso de fato se efetivasse, seria fundamental propagar os métodos agrônômicos, visto que a base econômica brasileira era agrícola.

Um dos maiores problemas que a sociedade brasileira enfrentava naquele período era a busca de uma alternativa para substituir o braço escravo no momento que este viesse a faltar. Por isso, em 1848, a SAIN promoveu um concurso que premiaria aquele que apresentasse, até 1850, a melhor proposta para a seguinte questão: “Como se deve

substituir o trabalho escravo pelo trabalho livre, e qual o sistema de colonização mais útil para ser implantado no Brasil?”

A SAIN acreditava que a educação conseguiria ajustar o país e o colocaria na rota do desenvolvimento, mas para isso as ações governamentais eram fundamentais. Essa crença se manifestava nesta afirmação: “Podemos ficar certos que em quanto o governo não pensar em estabelecer escolas, cujo fim seja, formular a agricultura do Brasil, e a de cada província; todos os seus esforços serão inutilizados, e o povo caminhará sempre na ignorância das vantagens de semelhante arte.” (AIN, 1848, p. 439)

Contudo, em 1870, Joaquim Antonio de Azevedo (AIN, 1870, p. 58), diretor da Escola Nocturna Gratuita de Instrução Primária para Adultos, apresentou um relatório no qual ele relata que a referida escola, cuja proposta foi apresentada em 1867 e aprovada em 1868, ainda não estava em funcionamento por absoluta falta de alunos.

Esta é apenas uma pequena amostra de que a educação era um assunto que merecia a preocupação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e, justamente por isso, *O Auxiliador* proporciona uma abundância de dados preciosos para o pesquisador, especialmente para o historiador da educação.

A leitura ainda incipiente de *O Auxiliador* apresenta vários indícios que ele teve uma finalidade instrutiva, embora não seja um periódico especializado em educação e ensino. Catani e Bastos definem imprensa periódica educacional como aquela que é “feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições (sindicatos, partidos políticos, associações e Igreja), contém e oferece muitos dados básicos para a compreensão da História da Educação e do Ensino”. (CATANI; BASTOS, 2002, p. 5). Ainda que a finalidade pedagógica de *O Auxiliador* não fosse explícita, o jornal divulgava informações que podem contribuir para ampliar o conhecimento acerca da História da Educação brasileira no século XIX.

O Auxiliador não foi pioneiro em imprimir um sentido educacional ao seu conteúdo. Logo na primeira década após a proclamação da Independência do Brasil, percebe-se que a imprensa já havia sido utilizada com esse propósito.

Os estudos da biografia e obra de Frei Caneca indicam que ele fez uso pedagógico do jornal *O Typhis Pernambucano*, editado entre 25 de dezembro de 1823 e 5 de agosto de 1824. Os artigos mostravam um homem preocupado em divulgar pedagogicamente suas expectativas sociais a fim de mobilizar a população para um enfrentamento contra a ordem estabelecida que ele considerava autoritária e contrária à independência do Brasil. Frei

Caneca (2001, p. 303) contribuiu, sobretudo, para a formação da consciência crítica dos iletrados.

Na mesma década, no ano de 1828, o deputado Bernardo Pereira de Vasconcellos (1999, p. 116-117) aquilatou a necessidade da educação para a construção de uma nação na “Carta Aos Senhores Eleitores da província de Minas Gerais”. Ele defendia a liberdade de imprensa, pois acreditava que somente ela propiciaria a disseminação da instrução por toda a sociedade.

Esta tendência formativa, conforme assinala Faria Filho (2002, p. 135), estava presente também no jornal *O Universal*, fundado em 1825, em Ouro Preto: “Revestindo sua atuação duma intencionalidade claramente educativa, o jornal punha em circulação uma série de matérias e assuntos que, em sua generalidade, não deixavam de compor uma representação sobre suas idéias de reforma das condutas e dos costumes.”

Percebe-se, deste modo, a influência das publicações periódicas na formação do pensamento da sociedade brasileira naquele século. O *Auxiliador* tentava, visivelmente, inculcar novos hábitos de vida na população brasileira. Por isso, este estudo considera este periódico como fonte documental para a história da educação, tal como concebem Catani, Vicentini e Lugli (2002, p. 79). Esta abordagem metodológica acompanha a transformação no fazer historiográfico sugerida por Vidal: os documentos legais têm o seu mérito, porém, são insuficientes para a construção historiográfica. (VIDAL, 2003, p. 2). Neste sentido, há prenúncios que *O Auxiliador* e outros periódicos podem oferecer subsídios que completem os elos históricos que faltavam para tornar mais consistente a compreensão acerca da História da Educação. Sousa é precisa na sua avaliação a respeito deste tipo de material: “a análise de tais fontes, de inestimável valor histórico, muito pode contribuir para enriquecer nossos conhecimentos sobre as questões educacionais [...]”. (SOUSA, 2002, p. 93). Assim, amplia-se o âmbito da investigação nessa área.

Para reconstituir a trajetória da revista, pretende-se seguir, em parte, o caminho percorrido por Biccias (2002, p. 177) ao estudar a *Revista do Ensino*: “enfocar e analisar como e por que a revista foi criada; como foi estruturada [...]; além disso, que tipo de leitores e conseqüentemente de leituras eram pressupostos pelos editores”.

Ao perscrutar *O Auxiliador* é possível que se encontre uma vinculação entre o tempo de vida do jornal (1833-1892) e a realidade então vivenciada pelos homens. No exemplar de número um, o editor ressaltou a importância do periódico. Já no editorial do número derradeiro, que circulou em dezembro de 1892, o redator Dr. Nicolau Joaquim Moreira lamentou a sua suspensão em virtude do cancelamento do subsídio governamental,

o qual impossibilitava também a manutenção das escolas noturnas de adultos e industrial criadas na década de 70. (*AIN*, 1892, p. 265)

Falta de recursos: esta foi a justificativa oficial para interromper a edição do mensário. Porém, seria esse o único motivo para cessar a veiculação da revista? Qual era a conjuntura da sociedade brasileira em 1892? O *Auxiliador* havia cumprido o seu desígnio inicial? Sessenta anos depois a revista ainda atendia às necessidades da sociedade então constituída?

Supõe-se que as respostas para estas e outras perguntas que este trabalho venha a suscitar possam ser construídas, paulatinamente, ao longo do processo de execução da pesquisa, durante o qual se espera encontrar as indicações que permitam elaborar uma argumentação plausível embora não seja nosso intuito responder plenamente a todas as indagações, mesmo porque o pesquisador está em constante busca. Esta pesquisa já é resultante de um estudo anteriormente efetuado e, ao final desta, possivelmente teremos novas questões.

Referências

BICCAS, Maurilane de Souza. Da revista à leitura: a formação dos professores e a conformação do campo pedagógico em Minas Gerais (1925-1940). In: ARAUJO, José Carlos; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p. 175-196.

CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. **Frei Joaquim do Amor Divino**. Organização e introdução de Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Ed. 34, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem; Teatro de sombras**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Relume-Dumará, 1996.

_____. No furacão da história. **Nossa História**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 48-51, dez. 2003.

CATANI, Denice Bárbara; VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario S. Genta. A profissionalização e as práticas de organização dos professores: estudos a partir da imprensa periódica educacional. In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação. In: _____ (Orgs.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 5-10.

DISCURSO que no fautissimo dia 19 de outubro de 1827, em que foi installada a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, recitou Ignacio Álvares Pinto de Almeida,

Fidalgo Cavalleiro da Casa de S. M. O IMPERADOR do Brasil, seu Guarda Roupas, Deputado da Junta do Commercio, Commendador da Ordem de Christo, e Cavalleiro da Ordem de N. S. da Conceição, e Secretario da mesma Sociedade. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Nacional, 1828.

ESTATUTOS da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional promovida em 1824, por Ignacio Álvares Pinto de Almeida. Rio de Janeiro: Typ Imperial d'Émile Seignot-Plancher, 1831.

ESTATUTOS da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Nacional, 1828.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O jornal e outras fontes para a história da educação Mineira do século XIX: uma introdução. In: ARAUJO, José Carlos; GATTI JÚNIOR, Décio (orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p. 133-150.

O AUXILIADOR DA INDUSTRIA NACIONAL. Rio de Janeiro: 1833-1892.

PAULO NETTO, José. Os desafios epistemológicos e metodológicos da pesquisa histórica. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO DE SERGIPE, 2., 2002, Aracaju-SE. **Anais...** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2002. p. 11-26.

SILVA, José Luiz Werneck da. **Isto é o que me parece: a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional (1827-1904) na formação social brasileira – a conjuntura de 1871 até 1877**. 1979. Dissertação (Mestrado em história do Brasil) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói-Rj, 1979.

SOUSA, Cyntia. A educação pelas leituras: registros de uma revista escolar (1930/1960). In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 93-110.

VASCONCELLOS, Bernardo Pereira de. **Manifesto político e exposição de princípios**. Introdução do Senador Petronio Portella. Pref. por Francisco R. de Paiva. Brasília: Senado Federal, 1978.

VENÂNCIO FILHO, F. Fontes para a história da educação no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 15, p. 369-374, 1945.

VIDAL, Diana Gonçalves. Múltiplas estratégias de escolarização da infância. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3, 2004, Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2004, p. 1-7.